

## Sacrifícios humanos, canibalismo e bruxaria

Jan Duarte

A maior parte das obras de divulgação sobre xamanismo que encontramos nas livrarias concentra-se em aspectos místicos, ou mesmo mágicos, da religiosidade indígena, ressaltando em especial coisas como “o respeito à Natureza” ou a “noção pacífica de coletividade” encontradas nas tradições desses povos. Isso é válido, logicamente, a partir do momento que se procura transplantar esses conceitos para nossa vida atual e fazer deles uma espécie de “cura” para os alardeados “males da civilização”. No entanto, sem entrarmos nos méritos da validade ou mesmo da possibilidade desse “transplante” ser bem sucedido, essa abordagem das tradições indígenas acaba passando uma imagem deturpada do que seria a vida nessas comunidades; uma visão idílica e utópica, que dificilmente pode corresponder à realidade.

Na verdade, nossa visão das sociedades indígenas - uma visão que eu classificaria como *européia-cristã* - teve algumas variações no decorrer do nosso tempo de contato com essas sociedades. Em primeiro lugar, surgiram as imagens quase contemporâneas dos “bárbaros selvagens”, que precisavam ser convertidos (ou eliminados) e do “bom selvagem”, propalada por Rousseau, como forma ideal e *pura* do ser humano. Depois, alardearam-se as imagens do “bravo guerreiro” e, ao mesmo tempo, do “índio traiçoeiro”. Hoje, muitos ainda crêem na figura do “índio preguiçoso”, ao mesmo tempo em que se vende a imagem do “índio sábio”. Todas essas visões são válidas apenas pelo ponto de vista daqueles que as criam e, conseqüentemente, acreditam na sua criação: os soldados de Custer certamente acreditavam no *índio traiçoeiro*, bem como os escritores de livros sobre xamanismo precisam fazer crer no *índio sábio*.

Nenhuma visão unilateral de uma sociedade, no entanto, pode dar uma idéia real do que é (ou foi) essa sociedade, ou mesmo proporcionar dados para que possamos julgar se determinados valores, crenças ou práticas podem ser empregados ou adaptados ao nosso próprio estilo de vida. Arrancar, cirurgicamente, uma parte de um corpo social e procurar implantá-la em outro, seria semelhante a tentar implantar as asas de uma águia em um leão: embora a cirurgia hipotética pudesse ser bem sucedida, tais asas não teriam função alguma e certamente causariam incômodo ao animal.

Um dos aspectos que dificilmente é abordado, quando se fala de xamanismo, diz respeito às práticas de sacrifícios humanos rituais e canibalismo entre os indígenas, que eram bem mais comuns do que se pensa. Para ilustrar a nossa exposição, vou citar um exemplo envolvendo o povo Anasazi que, por ser antepassado da "badalada" etnia dos Hopi, é constantemente citado nos "manuais de xamanismo".

Os Anasazi e seus descendentes Hopi são frequentemente descritos como um povo altamente espiritualizado, com uma cosmogonia complexa e profunda, onde os mais entusiastas conseguem encontrar vestígios, inclusive, de *física quântica* (!...). Por viverem em uma região extremamente árida do Novo México, considera-se que desenvolveram uma sociedade onde os valores da coletividade eram colocados acima de todos os outros – sem o que seria impossível obter o sustento – e eram tidos, especialmente, como uma civilização extremamente pacífica de lavradores. A adoração em torno dos Anasazi é descrita por Douglas Preston convenientemente:

(...) os Anasazi capturaram a simpatia de pessoas fora do meio arqueológico, particularmente daquelas pertencentes ao movimento New Age, muitas das quais se viam como descendentes espirituais dos Anasazi. As ruínas de Chaco Canyon se tornaram uma meca da New Age, ao ponto de um dos sítios arqueológicos precisar ser fechado, porque os 'New Agers' estavam desenterrando cristais e providenciando, ilegalmente, que suas cinzas fossem enterradas lá. Durante a 'Convergência Harmônica', em 1987, milhares de pessoas se reuniram em Chaco Canyon e se deram as mãos, entoando cânticos e orando.<sup>1</sup>

Bem, essa *pacífica sociedade*, por volta de 1700 d.C., atacou e destruiu uma de suas próprias cidades, chamada Awatovi. Todos os homens dessa cidade foram mortos imediatamente. As mulheres e crianças foram raptadas, provavelmente estupradas e, em seguida, mortas e esquartejadas. Testes realizados em coprólitos (fezes humanas petrificadas), detectaram a presença de uma proteína que apenas é produzida pelo esqueleto humano, o que parece indicar que estas vítimas foram devoradas.

Existe uma suposição razoável sobre os motivos do ataque: os habitantes de Awatovi eram tidos como feiticeiros e praticantes de bruxaria. A razão para isso é que a vila de Awatovi foi a única entre os Anasazi a adotar o cristianismo, e o seu próprio chefe se oferecera em sacrifício para que *esse mal fosse detido*. Temos, portanto, em um único episódio, três aspectos culturais relacionados às sociedades indígenas que queremos abordar: sacrifício ritual, bruxaria e canibalismo.

Quanto ao canibalismo, em especial, e o sacrifício ritual em geral, existem inúmeras teorias. O que é praticamente certo é que isso não ocorria, de forma alguma,

por falta de alimento. Na verdade, o consumo de carne humana estava sempre associado a práticas rituais específicas, visando, geralmente, *absorver as qualidades* daquele que era comido. Essa crença era comum, por exemplo, entre diversas etnias do Brasil, à época do descobrimento e, pelo que se pode julgar a partir dos testemunhos que chegaram até nós, constituía mesmo uma *honra* ser devorado pelo inimigo e, assim, representar na pedra do sacrifício o valor de todo o seu povo.

Alguns estudiosos vêem na prática do canibalismo a extrema forma de dominação e de imposição do poder pelo terror. Fazendo referência ao artigo já citado de Douglas Preston em torno das pesquisas do antropólogo Christy Turner, que passou trinta anos estudando o canibalismo entre os Anasazi, este último defende a idéia que

aterrorizar, mutilar e assassinar pode ser um comportamento útil do ponto de vista evolucionário, quando dirigido aos competidores potenciais. E que maneira melhor de amplificar o medo dos oponentes do que reduzir as vítimas ao nível subumano de comida, especialmente quando aí se inclui crianças, cujo consumo não traria prestígio ou poder, mas certamente aterrorizaria e insultaria seus parentes e sua comunidade?<sup>2</sup>

No entanto, vamos nos concentrar em outros aspectos. A prática do sacrifício ritual está presente em quase todas as manifestações religiosas, ao longo dos tempos. Encontramos sacrifícios humanos entre os fenícios, em Cartago, e entre os celtas, na Europa Ocidental, à época da dominação romana. Vestígios de sacrifícios humanos são encontráveis na antiguidade hebraica dos tempos bíblicos e, mesmo, no cristianismo, através do sacrifício de Jesus ao Pai, em proveito da humanidade. Na América, os Astecas levaram o sacrifício humano ao paroxismo e, à época da conquista espanhola, as vítimas se contavam aos milhares. Mais ao norte, a “dança-do-sol” era praticada por diversas tribos e, se essa prática não levava, necessariamente, à morte, produzia dor excruciante e baseava-se, grosso modo, no princípio que a terra precisava ser regada com o sangue dos guerreiros para distribuir suas benesses.

Tanto o canibalismo quanto o sacrifício ritual baseiam-se na concepção que as divindades precisam ser *apaziguadas*, bem como na percepção que *a vida apenas pode se alimentar de vida*. As noções religiosas ancestrais, malgrado sua aparência de tranquila e harmoniosa convivência com a natureza, continham em seu cerne, igualmente, a semente de incerteza que somente o confronto extremamente desigual entre a pequenez do homem e a grandiosidade terrível da natureza - transfigurada em *divindade* - pode gerar. Uma vez que os deuses naturais – potestades manifestas nos terremotos, furacões, nas erupções vulcânicas, ou simplesmente no sol abrasador ou na

neve mortal – ceifavam as vidas humanas sem a menor cerimônia, era natural *oferecer algumas vidas*, previamente, para evitar um mal maior. Antes de se falar numa idílica e harmoniosa relação entre o homem e seus deuses, portanto, há de se compreender uma relação de *troca*, recheada por profundo temor e respeito.

Contudo, é lícito perguntar como sociedades que nos legaram concepções de profunda espiritualidade e transcendência puderam, da mesma forma, protagonizar espetáculos de tamanha selvageria e crueza, para os nossos padrões. A introdução do terceiro elemento do nosso tema poderá nos levar a uma melhor compreensão, ou pelo menos a desenhar uma hipótese válida.

Ainda mais que o canibalismo ou o sacrifício humano, a bruxaria está presente em todas as concepções religiosas ou míticas. A *bruxa* ou o *bruxo* é, de maneira geral, a contraparte do feiticeiro, do curandeiro, ou ainda, do sacerdote: opondo-se a este, cria a necessária oposição entre *bem e mal*, cuja delimitação é tão necessária à psique humana. Enquanto o sacerdote ou o feiticeiro manipula as forças ocultas para o proveito da coletividade, a bruxa ou o bruxo as manipula para o seu próprio proveito. Os primeiros representam, em seu ofício, a *manutenção*, a *preservação*, ao passo que os segundos são, por essência, a mudança, a incerteza, ou ainda o *desafio*.

Não é de se estranhar, portanto, que mais bruxas surjam quanto mais patentes sejam os ares de mudança, quanto mais ameaçador (posto que *novo e desconhecido*) seja o futuro. Nesses momentos, aquelas figuras que, ordinariamente, são apenas uma espécie de *fiel da balança*, que são citadas de forma episódica, como explicação de um malefício que escapa ao domínio do cognoscível, multiplicam-se. Surgem em todos os lados e assumem a dimensão de verdadeiras epidemias.

No rastro epidêmico dos surtos de bruxaria seguem, igualmente, os sacrifícios humanos. Imolando-se as bruxas, eliminam-se as sementes da transformação, da mudança, do diferente, ao passo que os deuses da imutabilidade são convenientemente alimentados de sangue humano e, assim, impedidos pela saciedade de buscarem a esmo suas vítimas.

Dessa forma, os Anasazi, em 1700, vendo o seu território invadido e seu modo secular de vida ameaçado, acusaram de bruxaria os moradores daquela aldeia que assumira os valores da mudança, ao tornar-se cristã, e os dizimaram. Pouco mais de duzentos anos antes, o mesmo fenômeno iniciara-se em ambos os lados do Atlântico: entre os Astecas que sacrificavam mais e mais para manter a sua hegemonia entre os povos que dominavam, e entre os europeus, que movimentavam as poderosas garras da

Inquisição contra a população, ao ver a cômoda hegemonia da Igreja medieval ser ameaçada pela nova ordem imposta pelo início da Idade Moderna.

Cada mulher morta na Europa, acusada de bruxaria e heresia, de conluio com o mal, se tornava um sacrifício ritual que, por sua morte, apaziguava o deus cristão e redimia, dessa forma, o pecado de todos que, comparecendo ao espetáculo público de sua execução, assistiam sua morte. Não muito tempo atrás, ainda na Europa, uma mulher que ousara comandar um exército - e assim alterar a ordem estabelecida - fazendo pender para o lado francês uma guerra da qual não se esperava vencedor, foi igualmente imolada na pira dos sacrifícios, acusada de bruxaria: Joana D'Arc. Recuando ainda mais no tempo, os cristãos, que haviam sacrificado seu próprio deus - que por sua vez rompera com os *senhores do templo* judaicos - eram sacrificados nas arenas de um Império Romano decadente e condenado à mudança.

É necessário, portanto, ao fecharmos o ciclo, a compreensão que absolutamente nenhuma concepção religiosa está isenta dos fatores sociais que determinam a sua formação. Não existe essa concepção atemporal que possa ser transplantada, sem qualquer alteração, de um tempo e de um contexto para outro, sem que isso cause uma inevitável reação que, quando muito não seja, será de atordoamento frente ao anacronismo flagrante. Como aqueles que, dando as mãos, proclamavam a sua descendência espiritual dos Anasazi, ao mesmo tempo que pisavam sobre o solo que vira jorrar o sangue desses supostos antepassados pelas suas próprias mãos, podemos facilmente nos expor ao ridículo.

O passado, ou a alteridade, apenas podem ser idílicos para os que vivem o presente e não procuram compreender o *outro* em sua totalidade. Na verdade, olhando-se com os olhos do *hoje*, o passado sempre fascina, por representar a *não-mudança*. Com os olhos do *eu*, o *outro* apenas significa aquilo que não gostaríamos de ter mudado, aquilo que gostaríamos de igualar. Aquilo que apontamos para nós como novo é, de forma geral, apenas o que foi defendido, com sangue, como antigo.

#### **Notas:**

<sup>1</sup> Preston, Douglas. *Cannibals of the canyon*. Artigo publicado em The New Yorker, 1998.

<sup>2</sup> idem.